

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)

Editor e administrador
JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA

Condições da assignatura (com brinde)

Por anno (Portugal e Hespanha) . . . 800 reis
India, China e America. 15200 »

Redactor
A. PEIXOTO DO AMARAL
Typ. de J. F. Fonseca—Pícarin, 74

Por anno (Portugal e Hespanha) . . . 15000 reis
Numero avulso 100 »

SUMMARIO—*Devoção a Maria*—SECÇÃO DOCTRINAL: *Discurso recitado pelo ex.º sr. dr. Sousa Gomes na sessão solemne que na Associação Catholica do Porto se realisou no dia 3 de março para comemorar o inicio do 25.º anniversario da elevação ao solio pontificio de Sua Santidade Leão XIII—A infancia e a Igreja*, pelo rev. sr. José Victorino Pinto de Carvalho; *Pastoral do Ex.º e Rev.º Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, bispo do Funchal, com referencia á penitencia quadragesimal*—SECÇÃO CRITICA: *Socialismo, christia-*

nismo e catholicismo, pelo sr. Agostinho Salvador Ferreira —SECÇÃO HISTORICA: *O Jesu' a Luiz Gonçalves da Camara*, pelo Rev.º Sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, *Imitação de Christo*, pelo sr. A. Peixoto do Amaral; *Vieira Prégador*—SECÇÃO NECROLOGICA—SECÇÃO NOTICIOSA.

Gravuras: *A Anunciação; Jesus apparece aos discipulos.*



A Anunciação



DEVOÇÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pense em Maria — Deus te salve, Maria, Vara de Moysés, em quem e por quem Deus obrou prodigiosas maravilhas contra o demonio e seus ministros, tu quebraste as varas dos encantadores; porque destruíste todas as herezias.

Invoca a Maria — Deus te salve, Maria, Arca verdadeira feita de madeira incorruptivel, livre da corrupção do peccado, dourada por dentro e por fóra com o ouro da caridade, que resplandecia em todas as obras interiores e exteriores; em ti se encerra o propiciatorio da reconciliação do genero humano, e o dulcissimo maná, Jesus, precioso sustento das almas.

Alegre a Maria — Deus te salve, Maria, mesa da propiciação, dourada com o ouro purissimo da caridade perfeita, na qual se nos deu o pão da vida; estrella resplandecente de Jacob; vara que nasceste de Israel, da qual nasceu Deus homem, que feriu todos os chefes dos exercitos estrangeiros; vara de Aarão, unica que floresceu entre as demais, cujas flôres são de honra e honestidade, unindo assim á honra de mãe a honestidade de Virgem.

(Das «Saudações á Immaculada», por F. A. Alvarado).

SECÇÃO DOUTRINAL

Discurso recitado pelo ex.^{mo} sr. dr. Sousa Gomes na sessão solemne que na Associação Catholica do Porto se realisou no dia 3 de março para commemorar o inicio do 25.º anniversario da elevação ao solio pontificio de Sua Santidade Leão XIII.

*Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Senhores Bispo do Porto e Bispo de Argos;
Minhas senhoras e meus senhores:*

O estabel cimento da Igreja catholica, a sua rapida diffusão por todo o orbe, a sua persistencia e duração através das vicissitudes dos tempos, são phenomenos que assombram o historiador e desnortheastem o philosopho, e que apenas para o christão não são motivo de es-

panto, porque este sabe que a Igreja foi fundada por Jesus Christo, o qual lhe prometteu a sua constante assistencia até á consummação dos seculos, e creê firmemente que Jesus Christo é Deus, e como tal incapaz de faltar ás suas formas promessas.

Nunca essa divina assistencia se demonstrou com mais evidencia do que no actual periodo da vida da Igreja; e nunca as condições da vida d'esta foram tanto como hoje para causar admiração.

Uma realza espiritual, sem apoio algum de ordem temporal, no meio da nossa Europa onde toda a auctoridade e todo o poder se esteia nas bocas dos canhões e nas pontas das bayonetas:

Uma auctoridade internacional, livremente consentida por milhões de homens, numa época em que ca la povo se mostra ferocemente cioso da sua autonomia, e inimigo declarado de tudo o que pareça tutela estrangeira:

Uma sociedade com um governo completamente hierarchizado, e em que o poder se concentrou no grau mais elevado da hierarchia, num tempo em que todas as hierarchias vão em caminho de dissolver-se e em que o poder tende a descer para as últimas camadas sociais:

Eis, na phrase de um eminente economista francez, um triplo paradoxo vivo, que perante nossos olhos se realisa na Roma papal, em meio das sociedades contemporaneas.

E podemos consignar esta veridica observação: que, contra a expectativa dos seus inimigos, a Igreja catholica, assim constituída, está na plenitude da vida e na pujança do vigor e entra pelo seculo XX com um prestigio, consideração e auctoridade, que justificadamente assombram aquelles que, considerando-a uma mera sociedade humana, estavam no pleno direito de esperar que ella não resistiria á crise dos últimos tempos, e della sairia sem prestigio, sem consideração e sem auctoridade moral.

Crises, tem a Igreja atravessado muitas, e temerosas, que ellas tem sido.

Logo no seu principio, três seculos de perseguição, e, quando sae triumphante das catacumbas, as temiveis dissensões motivadas pelos grandes heresiarchas do oriente, por vezes apoiados pelo braço secular dos cesares do Bysancio;—a crise da dissolução do imperio romano, subvertido com as suas instituições pelas hordas dos barbaros do norte, seguiu a breve trecho da inundação torrencial do islamismo que por momentos pareceu destinado a avassalar o velho mundo;—o schisma dos gregos;—a luta secular contra o sacro imperio germanico, e contra a tyrannia dos barões feudaes, que por vezes fizeram soffrer ao Papa os peiores tratos e as maiores avarias;—o grande schisma do occidente, com o tristissimo exemplo da maior anarchia de que resa a historia da Igreja;—a crise da dissolução dos costumes, que na Renascença invadiu os proprios palacios papaes, ameaçando matar a religião pelo escandalo dos maus exemplos;—a reforma protestante, que ensanguentou a Europa com as guerras politico-religiosas e roubou á Santa Sé vastissimas provincias;—a luta contra o absolutismo dos reis, que se diziam de direito divino, o que, como taes, reputando-se acima de todas as leis divinas e humanas, pensavam fazer da religião um instrumento de dominio e dos Papas uns satellites doces;—a grande revolução franceza que em nome da liberdade perseguiu a religião, fazendo recordar os ominosos tempos dos cesares romanos, e cujos exercitos expulsaram o Papa de Roma e o lançaram no exilio e na prisão onde morren;—o cesarismo napoleonico, e as lutas constantes com os governos do seculo XIX, que, herdeiros das tradições revolucionarias, pretenderam constituir sociedades sem Deus, perseguiram a religião, e embarçaram o exercicio do culto;—e por ultimo a grande crise da perda do poder temporal que muitos con-

tavam que fosse o principio do fim da Igreja catholica, que, ou não poderia continuar independente e soberana, ou teria de converter-se em ancilla do moderno reino de Italia.

Mas sempre nos momentos mais afflictivos da vida da Igreja, Deus, que lhe prometteu continua assistencia, lhe tem suscitado pastores á altura das suas graves necessidades, e justamente nas epochas de crise tem brilhado os vultos mais grandiosos do Pontificado e da Igreja romana.

São os Pontifices martyres dos tres primeiros seculos aos quaes succedem os Sylvestres, os Liberios e os Celestinos que defendem energeticamente a orthodoxia da doutrina e resistem ás invasões no espirital dos imperadores de Constantinopla. E' S. Leão Magno que condemna Eutyches e detém o impeto de Attila. São os Pontifices apóstolos que presidem á conversão da Gallia, da Inglaterra e da Germania. E' Gregorio VII, que obriga o imperador germanico á penitencia de Canossa. Innocencio III, um dos vultos mais salientes do pontificado romano. São os Papas que impulsionam e movem os grandes exercitos dos cruzados; os Papas do Concilio de Trento que restauram a disciplina e anathematizam os erros dos protestantes; é Pio V que edifica o mundo com a sua santidade e consegue mover a Europa contra o turco, que em Lepanto vê começar a declinar o seu insolente poderio; são nos últimos tempos Pio VI, o martyr da revolução franceza, Pio VII, a victima de Napoleão, que não pôde dobrá-lo e jurgi-lo ao seu carro de triumphador; Gregorio XII e Pio IX combatendo os erros do liberalismo, que é preciso não confundir com a liberdade, filha de Deus e querida da Igreja.

Est' ultimo Pontifice, se teve no seu longo governo as mais cruéis amarguras, teve tambem a dita de definir a Immaculada Conceição da Virgem e de ver proclamar pelo Concilio do Vaticano a infalibilidade das decisões do Pontifice romano em materia de fé e de costumes, vindo assim robustecida a sua auctoridade e soberania espirital, justamente quando já estava eminente a perda completa do seu tam reduzido dominio temporal.

E quando este grande Pontifice succumbia após 7 annos de captiveiro no seu proprio palacio; quando, preoccupados, todos aguardavam quem assumiria o pesado fardo do Pontificado, tam cheio de difficuldades nas criticas circumstancias daquella epocha, concedeu Deus á sua Igreja, na pessoa de Leão XIII, um Pontifice de extraordinario valor, e concedeu-nos mais a mereç de um longo pontificado para que a sua acção fosse funda e proficua, para que elle visse os fructos do seu paternal, previdente e sabio governo, que tem inallecido a Igreja, e a tem elevado no conceito dos povos, conquistando-lhe o respeito e admiração de todo o mundo culto, christão ou não christão.

Não temos nós por isso sobrado motivo para nos reunirmos neste dia festivo a fim de solemnizarmos o 24.º anniversario da coroação do nosso pae espirital, e o inicio do seu jubileu pontifical? Praza a Deus que elle o complete com saúde e com o vigor de espirito que tem caracterizado o seu governo e que é visivel manifestação da Providencia, que mantém tam sublimado espirito em tam fragil e quasi ethereo invólucro corporal!

Sempre a Igreja respeitou os seus Pontifices, sempre os fiéis tributaram ao seu pastor sentimentos de filial affeição. Mas no tempo presente, mas para com o Papa Leão XIII, estes sentimentos atingiram o maximo da elevação. S us filhos querem, com as demonstrações de uma mais acrisolada affeição, compensar o pae espirital dos desgostos que o exercicio do seu munus pastoral lhe acarreta, e ao mesmo tempo querem traduzir a admiração que tributam ao supremo gerarcha que com tanta segurança tem governado a barça de Pedro através dos

parceis tam temerosos, onde a impiedade lhe prophetizava naufragio.

Hoje, meus senhores, a veneração que tributamos ao nosso Pontífice tem, o seu, quê de culto religioso, tanto sentimos que o Papa é o representante de Deus sobre a terra, o vigário de Christo, uma pessoa sacrosanta muito acima das pequenezas do seculo!

Bem haja, pois, a benemerita Associação Catholica que neste dia se associa ás festas de toda a christandade; e bem hajam todos os que pela sua presença aqui ou nas outras festas jubiliares veem prestar homenagem ao Summo Pontífice e testemunhar que se orgulham de ser seus filhos espirituaes.

No principio do seu governo Leão XIII encontrava-se a braços com a questão romana. Urgia assentar qual seria para o futuro a attitude do Papa perante a Italia.

Tornar-se-hia definitiva a solução dada por Pio IX, e o Papa ficaria indefinidamente o prisioneiro do Vaticano, intransigente com o novo estado da politica italiana?

Pio IX, o antigo rei de Roma, não podia dignamente tratar com os seus espoliadores; mas porque o não faria um Papa novo, posto em presença de factos consummados que não eram da sua responsabilidade?

Pio IX não se tinha resignado a sair de Roma; mas porque não mudaria o novo Papa a sede da cathedra de S. Pedro, transportando-a e aos órgãos centraes da Igreja, para paizes mais hospitaleiros e mais respeitadores do representante de Christo na terra?

Com ariedade se esperava a resolução do Pontífice, o qual, seguindo a tradição do seu antecessor, e penetrado dos superiores motivos que determinaram a attitude de Pio IX, ficou em Roma, no Vaticano que não é seu, mas donde os italianos não tem ousado expul-lo, e não transigiu com a Italia, nem acceptou as garantias que o parlamento de Florença tinha votado em 1871.

A saída de Roma, a mudança da capital religiosa do mundo para outras paragens, era uma solução preme de difficuldades futuras; seria um *coup de tête* inconciliavel com a tradicional prudencia da Santa Sé. O Papa não sairá de Roma, pelo menos enquanto os italianos lhe não tornarem impossivel a vida e o exercicio da sua soberana auctoridade espiritual.

A transigencia com a lei das garantias tambem não era solução accetavel, porque taes garantias não garantem de modo algum a independencia material e moral do Papa, ou só garantiriam precariamente a primeira á custa da segunda.

Com a occupação de Roma os italianos secularizaram os bens da Igreja romana e apossaram-se das propriedades do Papa, deixando-lhe apenas o usufructo dos palacios do Vaticano e de Latrão, que no fim de contas representam um encargo pesadissimo. A Italia não soube ou não quis distinguir entre a soberania pontifical e os bens da Igreja. Tratou a capital do mundo catholico, como tinha tratado a capital da Lombardia ou da Toscana. Apossou-se do patrimonio da Igreja romana, da sua herança secular constituída com os donativos dos fieis de todo o orbe, dos monumentos edificadoss com as ofertas de toda a christandade. Despojou a Igreja daquillo de que viviam ella e as suas obras, «porque a igreja romana é um grande governo espiritual, que não pode funcionar sem os seus órgãos historicos, as suas congregações e multiplas administrações».

Cortando assim os viveres ao Papa e á Igreja, esperavam talvez vê-lo resignado a aceitar os 2 milhões de liras que constituíam o *ordenado* arbitrado ao Pontífice, que por isso mesmo passaria a ser um funcionario italiano. Basta enunciar este facto para ver que a Santa Sé de modo algum poderia acceptá-lo.

Ella continuará a occorrer ás enormes des-

pêas do governo espiritual do mundo e da propagação da fé com as esmolas dos fieis, com o dinheiro de S. Pedro; mas não se resignará a uma posição que faria decahir o Papa da sua qualidade de pastor universal para a de primeiro bispo italiano.

Na lei das garantias dá-se ao Papa a qualidade de soberano. No entender dos estadistas italianos é essa uma qualidade puramente honorifica, como bem o demonstrou um incidente de jurisdicção occorrido já no tempo de Leão XIII, em que tribunaes italianos se julgaram com direito de decidir da appellação de um empregado do Vaticano, sobre assumptos de administração interna da Igreja.

No entanto as nações catholicas continuaram a considerar o Papa como um soberano independente, e mantiveram sua representação diplomatica junto do Vaticano. Essa consagração internacional da sua real categoria de soberano, é evidentemente para o Santo Padre a melhor garantia da sua independencia espiritual. Por isso o Papa continua e continuará a viver no seu palacio do Vaticano, isolado da Italia romana, deixando sem outra solução essa questão que nas actuaes circunstancias se reputa insolúvel.

Por isso tambem todos os esforços do Papa Leão XIII, consummado diplomata e habilissimo politico, se orientaram no sentido de afirmar o prestigio da Santa Sé junto dos governos dos povos. Pelos seus intelligentes esforços e bem dirigidos trabalhos foram preenchidas as vagas que havia no corpo diplomatico, acreditado junto ao Vaticano, por occasião da morte de Pio IX. Mais ainda, nações não catholicas, que todavia contam milhões de subditos catholicos, instituíram representantes officiaes ou officiosos junto do Pontífice. Bismarck, entregando-lhe a arbitragem da questão das Carolinas, dá-lhe o tratamento de *Sire*, reservado aos reis reinantes; o principe real alemão, que depois foi o imperador Frederico, para ser recebido pelo Papa, sae do Quirinal para o palacio da embaixada allemã; e o imperador da Austria deixa de pagar uma visita que o rei Humberto fez á sua capital de Vienna, porque não obtempera a ir fazê-lo em Roma com agravo do Pontífice.

E agora mesmo, como já succedeu em outras grandes festas commemorativas de datas gloriosas da vida de Leão XIII, todas as nações, catholicas, christãs, ou mesmo infieis, enviam ao Pontífice missões espediaes, e como que disputam entre si qual terá a primazia neste certamen de attentões e de respeito!

Isto para não citar senão os factos principaes e mais conhecidos. Os governos reconheceram a grande potencia moral que é o Pontificado romano! Quando se esperava que a cathedra de S. Pedro ficasse na situação obscura dos ultimos annos do governo de Pio IX, viu-se com assombro que os pacientes esforços de Leão XIII tinham conseguido restabelecer o prestigio do Pontificado e todos reconheceram com admiração que a auctoridade moral da Santa Sé é hoje maior do que em epocha alguma o foi.

Mas não pensem que isto foi devido a simples trabalhos diplomaticos. Leão XIII é o primeiro politico dos nossos dias, mas não é só isso. É primeiro que tudo o pastor supremo do seu rebanho, e como tal ellicu em roda de si, perseverou as necessidades da Igreja e com mão firme proveu-as de remedio.

Leão XIII em Encyclicas successivas e immorredouras tratou de orientar os fieis no sentido de os armar para os combates do catholicismo.

Promoveu o estudo das sciencias, tanto o das historicas e exegeticas, como o das sciencias naturaes; e promoveu sobretudo o estudo da philosophia thomista, com espanto dos que ignoravam os thesouros encerrados nas obras do «Anjo da Escola» que no seculo XIII versou com proficiencia assombrosa os problemas que na actualidade reputamos novidades, e pro-

pôs soluções que são ainda hoje as mais adequadas ás modernas circunstancias.

Combatia-se a Igreja em nome da sciencia, como incompatible com a sciencia; eram raros os apologistas que protestavam contra o ataque e o rebatiam no proprio campo em que lhes era offerecido. Hoje os defensores da Igreja em nome da sciencia são uma legião; os livros de vulgarização e as revistas scientificas dirigidas por catholicos, e com o intuito da apologia scientifica do catholicismo, multiplicam-se: as universidades e institutos catholicos de alto ensino surgem ás dezenas; os congressos scientificos de catholicos reúnem á luz do dia centenas de sabios de todas as nações, e o povo vê com seus proprios olhos quanto enganavam com os fallados obscurantismos da Igreja.

Leão XIII não só organiza a defé a das posições da Igreja nos paizes onde a maioria é catholica, e onde os modernos demolidores a querriam escravizar e annullar, mas attende por outro lado á diffusão do christianismo entre os infieis, e muito particularmente á reconquista das regiões que o schisma e a heresia separaram da unidade catholica. Seria longo, e não cabe nos limites do tempo de que disponho, o narrar-vos os resultados consoladores de tam sabia luctica e tam paternal direcção, mas podemos assegurar que com Leão XIII se deu um larguissimo passo para o restabelecimento do catholicismo nos paizes separados e para a reunião das Igrejas dissidentes.

E isto sem que elle deixasse perder um ápice sequer dos direitos da Santa Sé. Haja vista a questão da validade das *ordenações anglicanas*. Se Leão XIII a reconhecesse, seria provavelmente a conversão em massa dos *ritualistas* ingleses; mas oppunha-se a isso a verdade historica. É um facto que no episcopado anglicano se quebrou a tradição apostolica; as *ordenações* dos bispos e presbyteros anglicanos não são validas. Leão XIII é claro e com coragem e sinceridade, e, graças a Deus, nem por isso diminuiu o movimento, sempre crescente, das conversões na raça anglo-saxonica.

Em pontos de doutrina nunca o Papa pode transigrir. Leão XIII manteve tudo o que os seus antecessores tem definido. Mas ha muitas interpretações erradas da doutrina catholica, que tem curso nocente entre os adversarios da Igreja. Por isso o Papa tem procurado com particular cuidado assentar as verdadeiras interpretações e desfazer muitos mal entendidos que trazem divorciada a moderna sociedade da Igreja de Deus.

Bem lhe tem custado a fazer ouvir os seus protestos contra os que a tornam responsavel dos abusos dos antigos monarchas, chamados de direito divino, que a Igreja tanto combatêu como aos mais temiveis usurpadores dos seus direitos, como a quem a queria escravizar sob pretexto de a defender.

Bem lhe tem custado a fazer comprehender que a Igreja não é inimiga da verdadeira liberdade, mas que só tem combatido e continuará a combater os abusos commettidos em nome desta liberdade que a Igreja conquistou para o mundo, e que querem modernamente voltar contra ella.

Quiseram apresentar a Igreja como inimiga da democracia, como adstricta a certas formas de governo, e incompatible com outras a que modernamente o povo aspira. A Igreja protestou e fez comprehender os seus protestos; explicou como deve entender-se o texto *omnis potestas a Deo*, e ficou assente que Ella não é incompatible com forma alguma legitima de governo.

Assim se desfazem os mal entendidos, e por isso as massas operarias, quando Leão XIII lhes dirigiu a notavel e sempre memoravel encyclica *Rerum Novarum*, ficaram espantadas de ver que a Igreja de Roma era a unica entidade que tinha a exacta comprehensão das suas

reas necessidades, que indicava para ellas os verdadeiros remedios, que dizia claramente aos poderosos deste mundo quaes os imprescriptiveis direitos dos trabalhadores e os deveres indeclinaveis dos ricos, que os premunia contra os perigos do socialismo, com qualquer nome que se acoberte, ao mesmo tempo que protestava contra os males resultantes do exaggerado individualismo, filho da revolução franceza.

No lemma revolucionario havia, é certo, além da palavra liberdade, duas outras: igualdade e fraternidade; mas o sentido em que se entendeu a primeira, reduziu a segunda a um platonismo, e a terceira a um mytho. De que serve a igualdade de direitos, se a dura lei da necessidade impõe fatalmente a submissão dos proletarios? e quem falla em fraternidade neste seculo em que se ensina aos operarios que o *struggle for life* é a grande lei das sociedades humanas? E a propria liberdade ha um seculo que é explorada por uma oligarchia, á qual, se o socialismo vingasse substituir-se, succederia em breve uma tyrannia mais feroz do que quantas resa a historia.

Esta evolução do papado, esta alliança que elle se propõe firmar com a democracia, quando esta queira inspirar-se (e ahí é que está a dificuldade) dos principios do Evangelho, reserva-nos para o futuro grandes surpresas.

A Igreja precisa de rechristianisar o povo: trabalho gigantesco, tam grandes são os progressos que a indifferença e a deserença, descendo das classes elevadas, tem feito entre as massas populares! Os governos não vêem onde está o perigo social. Defendem-se do padre e das irmãs de caridade, e deixam medrar os que trabalham por tudo destruir. Mas do excesso do mal virá o remedio.

Homens de coragem, em todos os países, doceis ao ensino do Papa, que presta a esta questão momentosa, á questão social, toda a sua esclarecida e vigilante attenção trabalham por diffundir por todas as classes, pelas chamadas dirigentes como pelas classes operarias e agricolas, os eternos principios do Evangelho, sem os quaes a sociedade não pode prosperar e viver vida ordenada e tranquilla.

A questão social não pode resolver-se sem um grande espirito de amor do proximo, que é preciso que exista em todas as classes sociais; sem o espirito de *caridade*, palavra de que o mundo moderno não comprehende o sentido e que confunde com a *esmola*. Caridade é tambem justiça, e justiça prega-a a Igreja aos pequenos e aos grandes, e a estes mais do que aquelles desde o sermão da montanha, sem separar a justiça da caridade, porque para a sua sabedoria, mais profunda do que a dos modernos reformadores, justiça e caridade são dous aspectos da mesma virtude.

«Justiça, solidariedade, fraternidade, são ideias e sentimentos de origem christã. Foi o christianismo que os trouxe para o nosso mundo mediterraneo, herdadas dos seus antepassados da Judeia: justiça, no sentido social é palavra do seu vocabulario». Se os adversarios lha roubaram e lhe falsearam o sentido, é justo que a Igreja os corrija e reclame para si o legitimo emprego do vocabulo.

A cadeira de S. Pedro foi fundada para ensinar aos homens a justiça; quando no mundo se propõe uma questão de justiça o Pontifice não pôde ficar silencioso; e não tem ficado.

Ainda ha pouco todos vibramos de entusiasmo e palpitamos commovidos, ouvindo a palavra eloquente do nosso presidente, o sr. Bispo do Porto, contar-nos o que o actual Pontifice fez em beneficio dos pretos africanos—novissima cruzada de que Leão XIII foi o Urbano II e o cardeal Lavigerie, Pedro o Eremita. E não esquecemos que o sr. Bispo frisou bem, que na Africa só o Papa e os padres catholicos se tem interessado, sem segundo sentido, pela civilização do preto, movidos apenas pela ideia de que o preto é um homem, filho de Deus como o branco. Os interesses da sciencia

e do commercio, ou da politica tem movido as grandes nações europeias; indirectamente tem lucrado a civilização: mas pelo bem das almas, sem outro lucro ou beneficio, só o Pontifice e os seus soldados se movêram; só porque a justiça reclamava que considerassemos o preto como nosso irmão.

Pois muito bem, senhores. No dia em que os que pregam a obra e os que a produzem, no dia em que patrões e operarios começaram a disputar entre si sobre os limites da justiça, o Papa não faltou ao dever de fazer ouvir a sua voz para proclamar bem alto onde estava a justiça; para bradar a todos a necessidade e a obrigação de a distribuir integral aos que della tem fome e tem sede.

Com a pregação da justiça social, da fraternidade e do amor, conquistou a Igreja o mundo antigo, e civilizou os barbaros. Porque não ha de com ella conquistar as massas proletarias, apaziguar os conflictos, e dulcificar os costumes? Basta que lhe deixem a liberdade de o fazer. O Papa mostra o caminho aos seus filhos, que o seguem com obediencia e com entusiasmo. O futuro pertence á Igreja, que pode esperar com resignação a sua hora—*patiens quia eterna*.

No dia em que se tiver dado o grande passo para o estabelecimento do reino de Deus, que os christãos pedem na oração quotidiana—*adveniat regnum tuum*—ha de ser bendito o nome do grande Pontifice, que entre os seus titulos de gloria, neste dia solemne lembrados com enternecimento por todos os seus fiéis, ama e estima sobretudo o que num movimento de gratidão lhe consagraram os humildes—o titulo de *pontifice dos operarios*. Disse.

A infancia e a Igreja

QUANTO andou no mundo patenteou sempre Nosso Senhor Jesus Christo. o amor mais carinhoso aos meninos. Chamava-os, affagava-os, prodigalisava-lhes todas as caricias, e vêr-se rodeado dos pequeninos era as suas delicias. Tomava como feitos a Si, todos os carinhos que lhes fôsem prodigalisados; e o mesmo proceder recomendava a todos que o rodeavam.

Perguntaram-lhe um dia qual era o maior no reino dos céos? E Jesus, chamando um menino, respondeu: Todo aquelle que se fizer pequeno, como este menino, esse será o maior no reino dos céos. «E o que receber em meu nome um menino, tal como este, a mim é que recebe».

D'outra vez, vendo que alguns meninos eram estorvados de se aproximarem d'elle, disse: Deixae os meninos; não os embarceis de se chegarem a mim; porque d'estes taes é o reino dos céos.

Elle, que só tinha nos labios palavras de mansidão e de paz, faz ouvir a terrivel voz do Sinay, para fulminar os que escandalisassem os seus irmãos pequeninos: «O que escandalisar a um d'estes pequeninos que crêem em mim; melhor lhes fôra ser lançado ao fundo do mar, com uma mó de moinho ao pescoço».

A Igreja, nascida do proprio Coração de Jesus, herdou do seu Divino Fundador a commiserção por todas as desgraças, a protecção a todos os desvalidos, a consolação a todas as afflicções.

Os meninos tratados com a mais dura crueldade pelo paganismo, mereceram á Igreja particular cuidado.

Lycurgo havia legislado esta crueldade inaudita: Se a creança nascer sem defeito, seja conservada para abastecer os membros da republica se nascer rachitica ou defeituosa, seja atirada ao rio ou estrangulada.

Em opposição a esta barbaridade pagã, dá, a Igreja á creança uma protecção carinhosa, tanto mais necessaria e justa, quanto é a sua impotencia para prover ás proprias necessidades. N'isto, como em tudo, obedece a Igreja ao Divino Mestre: ama aquelles que Elle aconchegava ao seio; tracta de salvar os que Elle chamava primogenitos do Céu.

A Igreja dedica ás creanças uma grande parte de seus cuidados: fundar rodas para crialos, e asylos para recebê-los, envia emissarios a procural-os nos sertões da Africa, nos palmares da Asia, nas ruas das grandes cidades da China, e garante-lhes a existencia, a educação, a salvação, em institutos para esse fim instituidos.

Nunca a Igreja deixou de acudir onde é necessario exercer a charidade. A infancia tem-lhe merecido, em todos os tempos e logares, as mais desvelladas attensões. Tenra plantasinha, apenas apparecida no mundo, logo precisa de auxilio estranho...

Se tem dôres, falta-lhe a voz para lastimar-se; apenas por vagidos e choros exprime seus encommodos. Se tem fome, não sabe pedir alimentos: é urgente que o seio materno suppra essas necessidades. Se está ameaçada de perigos, não tem razão para conhecê-los, voz para pedir soccorro, nem pés para evital-os: é urgente que braços estranhos supram essas faltas.

E' preciso depois guiar o innocente pelo caminho da salvação, e a Igreja a tudo attende, sobre tudo providencia.

E' ella que fórma a mãe christã, no lar domestico; o religioso, nos asylos e nas escolas, para encaminharem a creança, desde o berço, pelas veredas do céo. A mãe velando pelo seu proprio filho; o religioso ou religiosa, adoptando o orphão ou o abandonado—todos cooperam poderosamente na salvação da infancia.

Aos cuidados, puramente corporeos, succedem os da alma. Cercam o innocente de mil cuidados, amparam seus

primeiros passos; ensinam-lhe a pronunciar as primeiras palavras; depositam em seu coração os rudimentos do ensino christão. E assim vão preparando o terreno, onde mais tarde devem fructificar todas as virtudes e germinar todos os pensamentos nobres e elevados.

*
* * *

Entra depois a creança nas escolas christãs, e então aos encarregados da sua educação, recommenda a Igreja que conjuntamente com os conhecimentos das letras e das sciencias, tractem com especial cuidado do que diz respeito á salvação da sua alma.

Manda que lhe inspirem a practica da virtude, fazendo da piedade o principal fundamento das suas instrucções moraes; que lhe ensinem a que ponham em Deus suas esperanças, não esqueçam as obras do Senhor e busquem com cuidado pôr em practica seus mandamentos.

S. João Chrysostomo, dirigindo-se aos paes de familia, assim se exprime: «Paes, sois os primeiros prégadores, os mestres, os apóstolos de vossos filhos; pertence-vos ensinar-lhes a Religião e a Lei de Deus, e fazer-lhes sugar a piedade conjuntamente com o leite materno.»

A piedade é pois o sentimento que a Igreja se esforça por inspirar á mocidade, porque ella é a base de todas as virtudes, e o caminho que conduz ao vosso ultimo fim.

Sem ella, todas as outras virtudes são apenas vans apparencias e falsas pedrarias que, apezar do brilho que ostentam, carecem de duração e valor. E' a piedade que conduz á soberana perfeição, que nos torna agradaveis a Deus, e radica na alma da infancia os ensinamentos da verdadeira religião. Seja pois a infancia dirigida de modo, que veja em tudo que acerca, a grandeza e as maravilhas de Deus; que se habitue a invocar o seu santo nome, a adorar o em tudo, a ligar-se tão estreitamente a Elle, que nada possa separar-a do Bem Supremo.

E cumprindo todos—paes e preceptores—a vontade de Deus e de sua Igreja, encaminharão a infancia pelas veredas da virtude e salvarão-a das garras dos abutres, que pretendem apoderar-se d'ella, para a educarem sem Deus e sem a moral christã.

E a infancia, salva pela educação christã, salvará mais tarde tambem a sociedade do abismo, para onde pretende impellir a a impiedade detestavel e brutal dos nossos dias.

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO,
Abbate de Mancellos.

D. Manuel Agostinho Barreto, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Funchal, (ilha da Madeira e Porto Santo), Prelado da casa de Sua Santidade, do Conselho d'El-Rei, etc. etc. etc.

(Continuado do n.º 3)

Isto de pensar o homem que acima da sua intelligencia nada existe, ou que as forças da creatura pôdem dispensar a intervenção do Creador, é um tristissimo pensamento, que todos os dias manifesta o seu erro, quando bem se aproximem e combinem os factos particulares e geraes.

E' uma sciencia difficil a da critica historica, mas é indispensavel para bem averiguar os factos, tanto na vida de cada um como no andamento das sociedades. E' forçoso dar á divina Providencia a importante parte que lhe compete nos acontecimentos. Ainda nas coisas minimas se percebe a sua acção e por tanto a verdade d'esta palavra da Escripura: «*Não cahirá sem permissão de Deus um cabello de vossa cabeça*» (S. Luc., XXI, 18).

E assim, guiados por estes elevados e santos pensamentos, seguem os bons filhos da Igreja a senda segura, illuminada pela fé que os incita á practica da virtude, procurando, nos auxilios efficazes, que a Religião lhe offerece, todas as forças de que carecem para caminhar e vencer.

Bem sabemos todos quanto é aspero o caminho do dever, a quantos sacrificios obriga e, não raro, quantos dissabores e até perseguições provoca.

E' assim que o christão fervoroso se aproxima dos sacramentos; se delicia nas leituras espirituaes; se alegra na casa de Deus, assistindo aos formosos actos do culto e ouvindo a sua palavra. E' para elle muito mais agradavel conversar com o seu Jesus, do que entregar-se ás frivolas conversações dos homens, tantas vezes maledicentes e nocivas á honra propria e alheia, como oppostas á caridade.

Não esquece ao bom christão o exercicio d'esta virtude sublime, orando pelo proximo vivo e defuncto, cumprindo na medida de suas forças as obras de misericordia.

Que fria é a chamada philantropia ou o moderno altruismo comparados com as doutrinas e praticas da Igreja?

E chegar a insensatez ao excesso presumido de sobrepôr a mão do homem, sem moral e sem orações, á benéfica e carinhosa acção da Igreja! A mais ainda: tentar o descredito da mesma Igreja, tornando-a odiosa ao povo,

para facilmente conquistar adhesões nas turbas revolucionarias e impôr, como unica direcção da humanidade, a pernicioso doutrina naturalista, arrancando do espirito e do coração do homem o unico remedio que fica aos desventurados para resistir aos assaltos da desgraça. Pois não sabemos todos que ha tantos males na vida que só podem curar-se com a medicina celeste? Portanto é a maior das crueldades arrancar ao povo a sua fé e a moral, bebidas no Evangelho. São verdadeiros assassinos da humanidade quantos propagam a descrença atroz e desoladora, reduzindo a alma do homem a um sepulchro caliginoso ou a um vulcão inflammado, onde só impera a morte e a ruina! Ai d'estes crueis propagandista da descrença e do odio, se as massas populares chegarem a insurgir-se contra a sociedade constituida, que serão elles, sem duvida, as primeiras victimas!

E não se limita a isto o verdadeiro christão, filho obediente e respeitoso da Igreja. Como um ser humilde arrosta resignada e pacientemente com os insultos e perseguições que lhe são movidas; ouve os motejos e cala; não responde á censura e á calumnia com identicas armas; muito ao contrario perdoa e ora. *Amae os vossos inimigos*, disse o divino modelo, *fazei bem aos que vos maltractam e odeiam* (S. Math., V, 44). Amar aos amigos é natural, amar a inimigos só pôde fazel-o aquelle que tiver na alma a graça de Deus. Nem só isto, mas curvando-se ás perseguições moraes e materiaes, o discipulo fiel de Jesus Christo sente até uma certa consolação por se assimilar assim ao divino modelo, podendo, n'estas circumstancias, aproximar-se mais d'Aquelle que é todo o seu amor, suas delicias e sua vida.

Assim se realisa a palavra do Apóstolo: *Aquelles que aspiram a viver piedosamente. soffrem perseguição por Christo Jesus* (II Ad Tim., III, 12).

Não pôdem comprehender esta doutrina aquelles que a ignoram e até, muito ao contrario, a desdenham, como succede aos adoradores da vida mundana.

Estes chegam a escandalisar-se quando se lhes falla em mortificações, penitencias e cruz.

Ora não só Jesus soffreu, mas prometteu a seus discipulos a sua companhia se quizerem abnegar-se e tomar como Elle tambem a cruz:—*Siquis vult post me venire* (S. Math., XVI, 24).

E eis aqui porque o judeu considerava a cruz um escandalo e o pagão uma loucura. E quantos que nos combatem deixam de ser pagãos? Se a desordem na vida particular e publica não tocou ainda nas raias do velho paganismo, é forçoso dizel-o, não está

muito longe devendo com inteira justiça afirmar-se que, continuando n'este vertiginoso declive, lá se chegará em breve.

Vigilancia, por tanto, carissimos diocesanos, oração, piedade, fervor no cumprimento de vossos deveres, como garantia de salvação para toda a sociedade. Implora a presença divina do Redemptor, para ser sempre a luz que esclareça o mundo, espancando as trevas que o ameaçam.

II

Queríamos que fossem assim todos os filhos da Santa Igreja; doces, fervorosos, respeitadores de sua boa Mãe. E' certo, porém, que este numero é mui limitado e que, infelizmente, se pode applicar aqui a tal palavra aterradora: *São muitos os chamados, mas poucos os escolhidos*. No seio de todas as familias ha tristes exemplos de insubordinação, desrespeito e frieza. Entre christãos muitos ha, muitos, que só pelo baptismo se podem condecorar com este nome honroso.

E quantos que, sem descorem á negação, todavia pouco se preocupam com a observancia e gravidade das suas obrigações?

E', pois, para estes que cumpre agora volver nossa attenção, na esperança de os estimular, levando-lhes á alma alguma centelha de luz e ao coração algum espinho de remorso, no intuito de despertal-os e attrahil-os á verdadeira vida christã.

Digam-nos, pois, estes christãos: como podem em sua consciencia chamar-se discipulos de Christo e filhos da Igreja, se querem arvorar-se em juizes do Evangelho e censores de sua mãe espirital? E' contra toda a razão e contra toda a ordem.

(Continua)

SECÇÃO CRITICA

Socialismo, christianismo e catholicismo

DEVEMOS obedecer mesmo a superiores depravados *etiam discolis*, é bem verdade; porém o escandalo pharisaico não estamos nós obrigados a satisfazer: «se aos homens eu agradasse ainda, não seria eu servo de Jesus Christo (Galat., I)» louvavelmente. O Apostolo nos recommenda um só modo de agradar aos homens «em tudo» sem prevaricarmos: é quando «nós nos fazemos tudo para todos, para ganhar a todos.»

Nós nos culpamos todas as vezes que nós nos procuramos os meios de

agradar, no sentido vanglorioso, quando nós cuidamos de nosso exterior sómente, nossos gestos, para só attrahirmos as protecções das gentes do mundo. Havemos escolhido Jesus para nossa parte: como poderemos nós mendigar as approvações de Seu e nosso inimigo? Póde se nos attribuir culpa quando tentamos agradar por conversas frivolas, visitas inuteis, reuniões irreligiosas, etc.

Meu Deus, guarda-me de agradar ao mundo! Este mundo é o nosso primeiro inimigo maligno, e de nosso verdadeiro Deus amantissimo! Pois, é um dever de coração: amar ao que tanto nos ama.

E parece não ser preciso não ter coração para se reconhecer um tão grande bem.

Assim, considerada e prudentemente, dizemos em consequencia de haver recebido na missa, quando menos, o Sacramento da Eucharistia: Bemdito, louvado e adorado sejaes, meu bom, e meu terno Jesus, no céu e no Santissimo Sacramento do altar e dentro de meu peito, agora e sempre, como estaes no céu para me salvar: Meu remedio e conforto, minha perfeição e ajuda, dae-me a graça para o conseguir, obedecendo eu da minha parte aos preceitos de Vossa lei.

Judeus e protestantes, com observarem o Decalogo e os preceitos da Igreja, estão riquissimos; nós com vir *comprar* missas no domingo ao mercado (não indo ás missas, etc.)! aqui estamos pobrissimos. Não se fala hoje senão em administração estrangeira. E ainda se fã em administrar e gerir os negocios publicos!... Repare-se nas casas d'administração alheia, como se acham ellas. Quem não administrar o que fôr seu está perdido, e para todos os effeitos. E, quem não velar por si e pelo de si, o que poderá esperar dos estranhos? dos ilheos? de uma casa de compartimento em demasia?

Nosso povo, e menos aquelles que se dizem ricos, nem querem já dizer *amen*, nem pagando-lhes: o que havemos esperar de nossos creados de graça?

Deus, o Ente supremo, se compadeça de nós! E nós honramos este nome divino, pronunciando-o sempre acompanhado de um sentimento de respeito e de piedade, para o fazer amar, respeitar, glorificar!! Mas como se toma hoje a Deus por testemunha?!... «Nosso Pae, a primeira oração e o primeiro grito d'alma da petição ensinada por Jesus é, que Vosso nome seja santificado.» E' a primeira e mais formal asseveração de honra o respeitar Seu nome divino.

Que sentimento experimentamos nós quando ouvimos jurar falso; blasphemar contra este nome santissimo?

Tenho eu ou não a deliberação formal de remediar este horroroso sacrilegio, e de procurar acções de graças a tão grande nome?

Eu mesmo, como me tenho eu pronunciado e revoltado nas minhas orações contra o nome de meu Deus, tres vezes religiosissimo!? «Senhor, quanto é Vosso nome admiravel para todo este mundo!» E' a mim, a quem incumbe meditar estas divinas palavras e trabalhar com todo meu poder sobre a glorificação do nome de Jesus Christo, nosso Bom Deus na terra, como no céu.

«Que o nome do Senhor seja bemdito (Ps. LXXI)» Bemdito seja Deus por me preservar, tantas vezes, do perverso desejo de agradar a *este* mundo estragado, e o mais enganador, e de amar as creaturas tão propensas unicamente para o mal.

E'-nos preciso hoje viver, o mais utilmente, para remediar as preterições malevolas da justiça offendida. O justo é o de que mais, aqui, se precisa hoje.

Acabe se com as modas ruins em Portugal, e ficaremos bem. Ha tantas modas que não prestam, e ha tantas boas no estrangeiro, pelo menos: para que havemos nós de imitar as más, aquellas que não prestam? Imitemos aquelles que amam ao proximo, como a si mesmos, que ouvem as missas inteiras nos domingos e mais dias de guarda, que se confessam, ao menos, uma vez no anno, que *commungam* na Paschoa da resurreição, quando menos.

Commungar!? Ai que fala eu agora dei! Communismo, socialismo nos tempos actuaes, é tudo. Não se precisa de comunicação de santos, de bons, justos e virtuosos! O *posso, quero e mando* é hoje todo nosso ideal.

Todos querem hoje ser o poder, etc.; mas nada podemos...: o que podemos nós. Nós não nos podemos crear a nós mesmos, não podemos accrescentar nem um palminho a nossa estatura, não nos podemos, omfim, resuscitar a nós mesmos: o que podemos? Pedir, e nada mais.

Os meus olhos, diz o propheta rei, estão sempre dirigidos para Deus, e os do Senhor se fixam sobre os justos (Ps. XXXIII): dignae-Vos, Pae misericordioso, inclinar de vez em quando Vossos olhos para Vosso ultimo servo. Eu sou esse Vosso ultimo servo: meu Deus, não me desprezeis, por indigno escravo: desejo agradar mais a Vós, que aos homens todos.

Oh meu Deus, meu verdadeiro Rei! eu não quero senão a Vós por verdadeiro Deus e verdadeiro rei. Fortalecei-me. A conformidade christã, eis a minha fortaleza.

E'-nos indispensavel guardar, o melhor possivel, nossos corações e sentidos pela mortificação inteira, que não



Jesus aparece aos discipulos

faz senão bem a nosso corpo e a nossa alma.

Perdendo isto de vista, o mais tudo é sonhar e nada mais. «Uma só cousa é necessaria (Luc., X).» A salvação de nossas almas deve ser a nossa unica preocupação até morrer.

«Nós buscamos uma só morada eterna (Hebr. XIII).» Uma das mais frequentes imagens por baixo das quaes a religião nos faz conhecer a presente vida, é a de uma peregrinação; aos olhos do christão a terra é um val de lagrimas, um desterro; a patria é Céu, a côrte celestial.

Paradella, villa extincta.

(Continua).

AGOSTINHO SALVADOR FERREIRA.

SECÇÃO HISTORICA

O Jesuita Luiz Gonçalves da Camara

Ná na Galeria dei ha alguns annos uma breve noticia d'este varão illustre da Companhia de Jesus, que falleceu a 15 de março de 1575.

Sendo, pois, hoje o dia anniversario da sua morte, e como elle figurou bastante no nosso reino, ou pelo menos o querem fazer figurar, voltarei ao assumpto mostrando as falsidades que alguns escriptores teem dito a este respeito.

Nasceu Luiz Gonçalves da Camara na ilha da Madeira, no anno de 1518. Era filho de João Gonçalves da Camara, capitão-mór d'aquella ilha, e de Dona Leonor de Vilhena, filha do conde de Tarouca, D. João de Menezes.

Ha quem affirme que era natural de Lisboa, o que pouco importa para o caso.

Luiz Gonçalves estudou na Universidade de Pariz as linguas hebraica, grega e latina, e em seguida philosophia e theologia, tornando-se eminente n'aquellas linguas e sciencias, porque era dotado de ingenho agudo e de facil comprehensão.

Entrando na Ordem de Santo Ignacio a 2 de abril de 1545, occupou n'ella varios cargos, para os quaes foi nomeado pelo mesmo santo, bem conhecedor do seu merecimento.

Este virtuoso jesuita foi reitor do Collegio de Coimbra, superior da casa professa em Roma, visitador da provincia de Portugal, e finalmente mestre e confessor d'el-rei D. Sebastião. Morreu piamente como fica dito, no Collegio de Santo Antão, em Lisboa, a 15 de março de 1575, tendo 57 annos de idade.

Ora tem-se dito (e até ensinado nas

aulas) que em Portugal os jesuitas, e entre elles o Padre Camara, concorram para a ruina da monarchia, para a fatal batalha Alcacer-Quivir; que o Padre Luiz Gonçalves, confessor d'el-rei D. Sebastião, só lhe inspirava maximas de intolerancia, fanatismo e hypocrisia; que tivera antes de se introduzir no animo do seu real presidente e governal-o a seu capricho, incutindo-lhe *ideias exclusivamente jesuiticas*; e outras cousas n'este gosto.

- Esta linguagem é muito da moda de certos escriptores dos nossos tempos. Mas o contrario d'isto é a verdade, que a historia demonstra claramente.

Maximas *exclusivamente jesuiticas* é uma tolice dos inimigos da religião; os jesuitas não tinham propriamente doutrinas suas exclusivamente. Abraçavam tudo o que ensina a Egreja Catholica, e nos pontos duvidosos o que lhes parecia mais exacto. E' o que fazem todos os theologos de qualquer Ordem religiosa, e os seculares.

Mas vamos adiante.

O Padre Camara, no anno de 1559, assistente em Roma do Geral Diogo Loyner, era um homem doutissimo, bom religioso, de grande experiencia no manejo dos negocios. Havia sido confessor do principe D. João, e no Collegio de Coimbra, que elle regeu, se portou dignissimamente. Santo Ignacio fazia d'elle tal conceito, que o nomeou superior da casa professa de Roma, em 1553.

Luiz Gonçalves, sendo descendente d'uma familia illustre, abandonou todas as grandezas do mundo para caminhar na perfeição, e professou na Companhia de Jesus, movido das persuasões do Padre Pedro le Fevre, um dos primeiros companheiros de Santo Ignacio.

Para se esquecer inteiramente dos parentes, e fazer com mais fervor os exercicios espirituaes, passou o tempo do seu noviciado em Valença, e depois, devorado de ardente zelo e caridade, partiu para Ceuta e Fetuão, a consolar os christãos que alli estavam em masmorras.

Era eminente, como já fica dito, nas linguas hebraica, grega e latina, em philosophia e theologia.

Taes eram os precedentes do Padre Camara quando se tratou de procurar mestre para o joven D. Sebastião. A côrte de Portugal, conhecedora das optimas qualidades d'este religioso, nomeou-o para educar e dirigir o espirito do joven rei.

O Padre Luiz recusou este cargo, e pediu ao seu Geral que o exemptasse de tão espinhoso logar. O mesmo Diogo Loyner escreveu á rainha D. Catharina, regente do reino, supplicando-lhe que, deliberando este negocio com

Deus, houvesse por bem não encarregar do ministerio de confessor d'el-rei nem o Padre Camara nem outro qualquer homem da Companhia.

Contudo D. Catharina não annuiu, e só muito instado e importunado é que o Geral se resolveu a enviar á Côrte de Lisboa o Padre Luiz Gonçalves de Camara.

Ora vá-se notando.

E', pois, uma verdade que a Companhia de Jesus não se ingeriu na côrte de Portugal; antes procurou fugir do cargo de educar um principe. Foi a mesma côrte que chamou um jesuita e que o pediu ao superior. Mas elle regeita tão difficil encargo.

Talvez seria melhor que para isso fosse convidado um philosopho ou socialista, se então já houvesse gente d'esta laia!...

E' certo que o Padre Camara nada fez para captar a benevolencia real, nem para si, nem para a Companhia de que era membro.

Quantos religiosos d'ontras Ordens, que, sendo mestres e confessores de reis e principes, foram elevados ás dignidades! Mas o Padre Camara e outros jesuitas nunca passaram de humildes religiosos.

Quanto á jornada de Africa, o Padre Camara por vezes tentou dissuadir el-rei do seu projecto intempestivo e temerario; e não podendo conseguilo, cahiu em profunda melancolia que o levou á sepultura a 15 de março de 1575, mais de tres annos antes da catastrophe de Alcacer-Quivir.

Sabemos que o Conselho de Estado, composto de velhos e experimentados generaes e aulicos, tentou desviar el-rei d'aquella empreza; o joven monarcha desprezou o voto dos Conselheiros e metteu a ridiculo D. João de Mas, carenhas.

O eloquente e virtuoso Bispo de Sylves, D. Jeronymo Osorio, escreveu-lhe para o dissuadir da tentada expedição.

D. Ayres da Silva, Bispo do Porto, tambem o quiz fazer desistir d'essa jornada que agourava ser desastrosa.

O mesmo praticaram o Cardeal D. Henrique e outras muitas pessoas notaveis do reino, sem mencionar o rei de Castella, Philippe II. Nada, porém, conseguiram.

E' pois, certissimo que o Padre Luiz Gonçalves da Camara se portou dignamente no seu cargo. Os escriptores coevos fallam d'elle com honra, e os posteriores o intitulam veneravel e abalísado em virtudes.

Pouco nos deve importar o que dizem certos novelleiros e romancistas; com pretensões a historiadores, porque só tomamos por norte a verdade que não é monopolio de sophistas, e que

resalta das paginas da historia regida por uma logica severa.

Muito mais poderia dizer-se em defeza do Padre Luiz Gonçalves da Camara, bem como de todos os outros jesuitas d'aquella epocha, em Portugal; basta, porém, o que fica exposto.

Padre JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Imitação de Christo

ACABA de apparecer á luz da publicidade uma novissima edição d'essa preciosissima obra attribuida, segundo uns, ao religioso Agostinho Fr. Thomaz de Kempis, e segundo outros a João Chartier Gerson, grande theologo e chanceller da Universidade e um dos maiores doutores francezes do seculo XV, e na opinião geral o melhor livro que tem sahido das mãos humanas.

Que paginas d'infinda consolação se não encontram n'esse inimitavel trabalho! Que conselhos suavissimos ahi encontra a humanidade, lendo essas devotissimas paginas, escriptas com uma unção toda evangelica, parecendo mais que ahi andou a mão dos anjos, e não a mão do homem!

Tudo ahi se encontra: leitura da Biblia, meio de resistir ás tentações; vida religiosa, alegrias da boa consciencia, soffrimento das injurias, etc. etc.

E para melhor, está esta ultima edição completa, sob todos os pontos de vista, pois que, se a anterior edição, hoje inteiramente esgotada, estava já muito perfeita, trazendo umas interessantes e esplendidas notas, devidas ao talento de Monsenhor Manoel Marinho, que mereceram um conceito tão favoravel ao rev.^{mo} dr. Conego Coelho da Silva, que disse «que pareciam exceder o proprio texto», esta edição é muito mais importante, sob esse ponto de vista, pois que se a anterior edição vinha acompanhada d'essas notas até ao capitulo XLI, do Livro terceiro, esta traz mais trinta e seis notas, vindo completas todas as notas de todos os capitulos dos quatro livros de que se compõe a monumental obra.

O que é deveras lamental, é que, sendo a obra conhecida ha quatro seculos, e sempre apregoada por todos os escriptores catholicos como a obra mais grandiosa, sahida das mãos do homem, haja grande numero de catholicos que apenas a conheçam de nome, nunca tendo lido nenhum dos seus grandiosos, suavissimos e inimitaveis capitulos.

Pois agora é occasião de todos lêrem esse notabilissimo trabalho, porque, se

era indisculpavel até aqui, que houvesse catholico digno d'esse nome, que nunca tivesse lido a notavel obra que tanto notabilizou o seculo XV, muito mais o será agora, que o illustrado e erudito sacerdote Monsenhor Manoel Marinho publicou estas duas edições, mórmente a ultima, e que houve um editor tão benemerito que, se abalançou a publical-as.

E senão veja-se: Todos os capitulos, annotações e orações são indulgenciados por S. Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. D. Antonio Barroso, virtuoso Prelado d'esta diocese; traz como appendice um **Methodo de assistir ao Santo Sacrificio da Missa**, tendo *todas as orações indulgenciadas* por diversos Summos Pontifices. E a seguir traz, depois de diversas orações utilissimas, *orações da manhã e da noite*, tiradas da *Journée du Chrétien*, e orações para antes e depois da Confissão, antes e depois da Communhão, e actos novamente e expressamente escriptos para esta monumental edição.

Já vêem os nossos leitores, que não é necessario que digamos, que tal livro devia ter um logar em todas as livrarias, ainda as mais modestas, porque dizemos mais: todas as familias catholicas o devem possuir, especialmente as mães de familia, porque á medida que bebem os preceitos evangelicos com que hão-de educar os filhos, nos capitulos indulgenciados da obra, podem levar o livro ao Santo Sacrificio da Missa, e ouvi-la, por seu intermedio, porque não encontram, por 300 réis encadernada em percalina, obra que traga *todas as orações da missa indulgenciadas* como esta edição da *Imitação de Christo*.

Agora fazemos um appello aos professores e directores dos collegios e casas de educação christã: Convindo que todos os alumnos leiam essa obra, podem pedir a ao editor, pois que, pedindo para cima de vinte exemplares, têm um *bonus* de 20 %, isto é ficelles cada volume, elegantemente encadernado em percalina, por 250 réis em vez de 300 réis.

Póde-se fazer mais em beneficio da causa catholica? De certo que não.

Para a acquisição d'esta obra, podem dirigir pedidos ao editor catholico o snr. **José Fructuoso da Fonseca**, rua da Picaria n.º 74—Porto.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

Vieira Prégador

Pelo P. Luiz Gonzaga da Valle Coelho Pereira Cabral.—*Estudo Philosophico da Eloquencia Sagrada, segundo a Vida e as obras do Grande Orador Portuguez, obra appro-*

vada e recommendada pelo Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto.—Porto, Editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74.

Não pensem os leitores que lhes vamos encarecer um trabalho historico ou agiographico, apologetico, ou critico do Maximo Orador portuguez. **O Vieira Prégador** terá originado em muitos esta illusão como em nós. Enganam-se, como nós nos enganamos. A obra do talentoso e erudito P. Gonzaga Cabral, é um trabalho didactico. Depois de provar, até á evidencia que **O Prégador** deve ser *um homem de Deus, um homem de zelo*, o que é *um homem de genio, de intelligencia, imaginação e vontade*: depois de esboçar scientificamente e christãmente o que é um **Sermão**, dogmatico: claro, preciso, solido e piedoso; moral: justo e exacto; abundante, unido e progressivo quanto á materia, de estylo vernaculo, claro e ornado quanto á fórma; communicado, pratico e opportuno quanto aos ouvintes; depois de analysar a entrada, corpo e conclusão do discurso, de assignalar as fontes onde ha de beber o catechista, o panygirista, o confarente, o prégador propriamente dito e o orador funebre, depois de dizer o que deve ser o architecto e o edificio, só então apparece Vieira e os seus sermões, como prototypos de um e de outro. **Vieira Prégador** é o machinismo, o drama e o corpo organico; Vieira a acção, o actor, a vida.

Não imaginem porém que o **Prégador** e o **Sermão** são dois volumosos tomos de fastidienta Rhetorica e Eloquencia sagrada, dois acervos de regras theoreticas, aridos e futeis que frio methaphysico formulou, segundo as conveniencias ou desconveniencias das suas idéas; não. No **Vieira-Prégador** a Theologia, a Psychologia, a Moral e a Logica casam-se para estudar a alma humana, a alma christã, a alma sacerdotal e tirar d'este estudo psicologico regras praticas, racionais, naturaes, entendidas e sentidas, d'uma Eloquencia Sagrada, nova e original.

A caleira de Eloquencia Sagrada não tem passado d'uma exposição fastidienta de regras convencionaes e esteris, na sua quasi totalidade. Uma lição d'este genero era uma gymnastica de memoria e nada mais; o coração esterilizava-se e a intelligencia protestava aborrecida. Mestres e discipulos sentiam no intimo esta senão, mas não havia hombros que se arrumassem ao velho edificio sombrio e gelido e o desmorenassem, substituindo-lhe outro em que entrasse mais luz e mais calor.

Fê-lo a meu vêr o talentoso auctor de **Vieira-Prégador**, n'essa obra, que se me não enganar a minha pre-

visão, ha de fazer época e quiçá mudar o rumo do estudo da Oratoria sagrada. O trabalho do P. Gonzaga Cabral, é, a meu vêr, a Oratoria Sagrada viva, provada e sentida, ou como lhe chamou a maior auctoridade hodierna no assumpto, o Sr. Arcebispo d'Evora: «A Oratoria em acção.» Foi precisamente a originalidade da obra que me levou a engulir-a d'um trago e a propôr medital-a com vagar, quando o tempo me der ensejo.

Isto pensamos do **Vieira-Pré-gador**. Estamos plenamente convencidos, que se fôr lido pelos neo-pré-gadores, seminaristas e alumnos aspirantes ao sacerdocio, o pulpito portuguez será mais honrado: menos florido, menos elegante, menos theorico, menos naturalista, e mais christão. Eloquente, mas christãmente eloquente.

Causa magua ouvir elogiar a alguns ecclesiasticos certa turba de oradores d'hoje, que apenas merecem o nome de *Poetas-musicos* que poetisam no pulpito ácerca de Maria Santissima e das virgens, como fazia Ovidio de qualquer bella formosura do seu tempo; dos nessos santos, como Camões dos heroes dos Luziadas senão proer; que elegiam a virgindade, o pudor, a caridade e as outras virtudes christãs, como qualquer cysne parnasiano cantaria os dotes e prendas physiomicas d'uma formosura feminina. Mas não quero esquadrinhar os peccados (que o chegam a ser) da Oratoria de nossos dias. Lede o **Vieira-Pré-gador**, que a par das sabidas instrucções os achareis scientificamente escalpelados.

Repetimos ainda a idéa que nos domina no fim da leitura d'esta obra unica. O estudo do ideal do **Vieira-Pré-gador**, basta para orientar os estudos d'este genero, e para reformar o pulpito portuguez, tão deshonrado hoje.

(Da Voz de Santo Antonio)

SECÇÃO NECROLOGICA



Falleceu ha dias, em Braga, na avancada idade de 96 annos, a sr.^a D. Maria Candida do Carmo, ultima freira professa e superiora do convento de Santa Thereza d'aquella cidade. Havia nascido em Chaves, e entrara para aquelle convento aos 14 annos, tendo professado aos 18.

Com a sua morte desapareceu talvez a ultima das religiosas professoras que existiam no paiz.

No convento de Santa Thereza, que era pobre, havia apenas mais trez se-

nhoras seculares, que agora se veem privadas de residencia, pois que o delegado do thesouro já tomou posse do espolio do convento, cujo edificio pertence ao Asylo dos entevados de S. José, e que lhe foi concedido por lei approvada pelo parlamento.

Por alma da finada senhora pedimos aos nossos leitores um Padre Nosso e uma Ave-Maria.

SECÇÃO NOTICIOSA

Um conselho por semana

Modo de polir movels —Aquecem-se n'um recipiente bem limpo 60 grammas de cêra. Quando a cêra estiver derretida, juntam-se 120 grammas de therebutina pura. Retire-se depois do lume, e agita-se tudo até que esfrie completamente. Esta mistura reaviva a côr natural da madeira.

—**Para limpar as escovas da cabeça** —Esfreguem-se com farelos, e nunca se lavem. Quando as barbas da escova começarem a amolhecer, ficando muito flexiveis, basta molhal-as em ammoniaco, e deixal-as secar depois. Tomarão logo a rigidez necessario.

O Jubileu Pontifical

Fôram verdadeiramente soleunnes as consagrações feitas, n'esta cidade, a Sua Santidade, pelo 25.^o anniversario da sua coroação. Em todos os templos, incluindo as proprias capellas particulares, houve solemnissimos *Te-Deum* em acção de graças, por iam jubiloso acontecimento.

Descrever minuciosamente tudo, seria tarefa impossivel, porque nem trez numeros do nosso modesto jornal seriam sufficientes para tanto.

Subrepujou, porém, a todas as solemnidades, pela verdadeira imponencia a festividade do dia 3 na Sé Cathedral, a que presidiu o nosso venerando prelado o sr. D. Antonio Barroso, e além de todas as auctoridades, e de todas pessoas de representação os Rev.^{mos} bispo de Bethsaida e titular de Argos. Pregou eloquentemente este ultimo prelado.

A' noite houve academia religiosa na salão da Associação Catholica, que estava lusidamente engalanado, e exteriormente illuminado o edificio.

Illuminaram festivamente os templos da Sé, Seminario, Trindade, Carmo e Terço, os edificios do Paço episcopal, Associação Catholica, Circulo Catholico de Operarios, e muitas casas particulares.

Oxalá que Deus conceda ainda muitos annos de vida ao luminoso nonagenario que, verdadeiro *lumen in coelo*,

está presidindo aos destinos da santa Egreja universal.

«A Biblia—Questão vital»

Acabamos de ser honrados com um pequeno volume, devido á pena do Rev.^{mo} Padre Bento José Rodrigues, encimado pelo titulo que serve de epigrapho á presente noticia.

Com toda a proficiencia tracta o Rev.^{mo} Padre Rodrigues da questão Biblica; e por este pequeno livro podem aprender não só os protestantes que admittem como genuinas todas as interpretações da Biblia, mas até os modernos *liberaes* que tudo querem explicar á sua maneira, o que ensina a Biblia, e como ella prova a existencia, e infallibilidade da egreja catholica, e como se desfazem os seus embustes com respeito ao poder dos Papas, e á supremacia da Santa Sé.

Agradecemos o exemplar enviado a esta redacção.

Uma infamia

Sabe-se, pelos jornaes, que a policia, por ordem do ministerio do reino, convidou todos os proprietarios de typographias no Porto a não publicarem ou imprimirem nas suas officinas, coisa alguma que dissesse respeito ao convenio com os portadores da devida estrangeira. Sabe-se, que, apesar de tudo isso, appareceu publicado um impresso com o discurso do sr. Augusto Fuschini, contendo trechos transcritos do relatorio do sr. Madeira Pinto, que o governo, por forma alguma, permittia que se publicassem.

Este facto desagradou á policia, que foi fazer umas buscas á typographia *Central*, na rua das Flores, e á typographia onde se imprime o «Norte.»

N'esta ultima nada encontrou a policia; mas na typographia *Central* encontrou um exemplar do tal discurso, e o proprietario apresentou n'essa occasião mais cinco, dizendo que lh'os tinham mettido por baixo da porta.

E por aqui—que saibamos,—ficou a questão.

Depois d'isso queixou-se o nosso presado collega da «Palavra» de que *alguem* se servia d'este jornal para dentro d'elle enviar, pelo correio, impressos a quem muito bem lhes parece.

Ora isto é um attentado contra a propriedade alheia, e contra os brios d'um jornal serio, porque faz crer a quem recebe o jornal, que é a redacção que envia o manifesto.

E como sabe o nosso presado collega d'esta verdadeira pouca vergonha?

Porque, tendo *alguem* enviado o manifesto Fuschini-Madeira Pinto ao exc.^{mo} commandante d'infanteria 6, este senhor julgou, vendo uma *Palavra* de que não era assignante, que era

a redacção que lh'o enviava, para elle a assignar, e n'esse caso, collocou por cima da sua direcção a direcção do jornal, e enviou-o para a redacção. Foi assim que se soube da malhada.

Veja o publico de que forma se intenta illudir a policia, compromettendo um jornal serio, a quem, depois de o fazer intermediario, ainda podiam causar desgostos e inquietações.

Veja o snr. commissario geral de policia se encontra quem é o auctor da brincadeira.

Memoria do Congresso Catholico do Porto

Com este titulo recebemos um volume de perto de 300 paginas, em formato grande, contendo os discursos pronunciados nas sessões do Congresso Catholico do Porto, promovido pela Associação Catholica d'esta cidade nos dias 8, 9 e 10 de Dezembro de 1900. O volume é nitidamente impresso na typographia catholica do snr. José Fructuoso da Fonseca, e contem os seguintes discursos: Sermão de Mgr. Francisco Xavier da Cunha, prégado na Sé do Porto, no dia 8 de dezembro de 1900, e discursos dos Ex.^{mos} Snrs. Bispo do Porto, Mgr. Manoel Marinho, Dr. Domingos Pinto Coelho, Padre Roberto Maciel, Rev.^{mo} Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Abade Antonio Barbôsa Leão, Dr. José Alves Correia da Silva, Padre Benevenuto de Souza, Rev.^{mo} Arcebispo de Mitylene, Rev.^{mo} Dr. Francisco Martins, Dr. Ayres Borges, Dr. José Crespo Simões de Carvalho, Dr. Manuel Martins, Dr. Francisco José de Souza Gomes, e Ex.^{mo} Conde de Samodães.

Agradecemos a amabilidade da offerta á Ex.^{ma} Direcção da Associação Catholica.

Victoria em Africa

O snr. governador geral d'Angola communicou, por telegramma, ao snr. Ministro da marinha, que a expedição enviada ao Ambrizette, sob as ordens do snr. João Jardim, governador do districto do Congo, atacou e destruiu Quindanavo e Quintamboco, compostos de dez povoações e postos proximos.

Foi penosa a marcha das tropas, chegando dois soldados a receberem ferimentos de ballas.

Foi aprisionado o regulo *Bocca de Rei*, do Quindanavo.

A questão dos cereaes

Os moageiros do norte pediram ao governo que permitta a substituição do trigo exotico que tem nos depositos, por egual quantidade de trigo, nacional, evitando assim que aquelle se deteriore, podendo fazer a reexportação sem maior prejuise. O Mercado Cen-

tral dos Productos Agricolas deu parecer favoravel a esta pretensão.

Encyclopédia portugueza illustrada

Recebemos o fasciculo 163 d'este excellent dictionario universal publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 552 artigos e 16 figuras (*Dionysos-Discriminante*). Entre os artigos mais notaveis d'este fasciculo citaremos: *Diphtheria*, do snr. dr. Clemente; *Directriz* e *Discriminante*, do snr. J. C. de Oliveira Ramos.

Continua a assignar-se este valioso dictionario, em todas as livrarias e no escriptorio da empreza Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63 1.^o. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Belem & C.^a. Rua do Marechal Saldanha, 26.

Leilão de livros

Annuncia-se para o dia 7 do mez d'abril um leilão da livraria pertencente ao Snr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade aposentado da freguezia de Miragaya.

Contem a livraria de que se trata: classicos portuguezes—livros nacionaes e estrangeiros sobre a etrographia e linguistica—obras raras e curiosas—, monographias de terras portuguezas, —e manuscritos interessantes.

Ahi fica o aviso para que os leitores amigos de bons livros se previnam e possam assistir ao leilão que se effectuará no bazar da rua de Passos Manoel, n.^o 199, onde desde já se encontram os respectivos catalogos.

Serviços de saude

Determinou o snr. Joaquim Urbano da Costa Ribeiro, chefe de secção de molestias contagiosas no Porto, que, visto estar aberto o antigo laboratorio bacteriologico, ao Laranjal, apenas das 10 horas da manhã, ás 4 da tarde, poderia qualquer pessoa que carecesse dos serviços ahi prestados, dirigir-se ao hospital da Misericordia, desde as 4 da tarde, ás 10 da manhã; onde, d'accordo com a direcção economica do mesmo hospital, seriam prestados esses serviços.

Tempo

Depois d'uma chuva insistente que nos alagou durante quasi todo o mez de Fevereiro, voltou o bello tempo, por fórma que, no dia 9 d'este mez, em que o dia se apresentou lindissimo a mais não poder ser, sem a menor nuvem que toldasse o firmamento, saíram as majestosas procissões de Passos na Foz, Ovar, e Vallongo, e a de Cinza em Villa do Conde.

Feira do S. Lazaro

Começa hoje no seu antigo local, ao Campo 24 d'Agosto, a popular feira do S. Lazaro, onde os paes vão saciar a cobiça da pequenada e os amantes do queijo da serra e da boa regueifa vão gastar aos domingos os pobres cobres, que tanto lhes custaram a ganhar, durante a semana.

Vinhos

Em razão da cheia no rio Douro, que impediu o movimento de navegação desde o dia 57 do mez passado, até 3 do corrente, fizeram se na alfandega do Porto poucos despachos de exportação, cuja totalidade é a seguinte: Para o Brazil 1:029:612; para a Gran-Bretanha, 752:290; para a Allemanha 89:486; para a França 24:874; para a Belgica 13:42s; para a Dinamarca 2:136; para a Hollanda 37:527; para a Suecia e Noruega 43:309; para a Russia 1:335; para o Chile 1:910; para a Africa oriental, 8:550; para outros paizes 3:189, total 2:007:541.

Os bailes da «Mi-careme»

Cá estamos nós outra vez a contas com os bailes *masqués*, em plena quaresma. Quando nós aqui censuramos o baile da *pinhata*, por ser no primeiro domingo da quaresma, que diremos do baile da *mi careme*, que por doença da *rainha do baile* ficou adiado para o dia 16, isto é, para o domingo da paixão? Não será levar muito longe o desacato, contra a religião?

N'este andar desenfreado, não nos admirará, que d'aqui a alguns annos, se celebrem bailes de mascarar, em plena semana santa! E a auctoridade tudo consente!

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos dignos assignantes que se acham em debito do anno findo a especial fineza de mandarem satisfazer de prômpto a importancia da sua assignatura.

Prevenimos tambem a todos aquelles que desejarem o brinde a IMITACÃO DE CHRISTO, traducção do Rev.^{mo} Padre Marinho, de mandarem mil reis pela sua assignatura, do corrente anno, pois o prazo para se poder obter, termina a 31 de março proximo.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial
Portuense de 1887, Industrial
de Lisboa de 1888 e Univer-
sal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro,
lisos e lavrados; paramentos para egre-
ja; galões e franjas d'ouro fino e falso;
setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas
familias reaes Portuguezas.

ANNUNCIOS

IMITAÇÃO DE CHRISTO

NOVISSIMA EDIÇÃO

Confrontada com o texto latino e
ampliada com notas

POR

Monsenhor Manuel Marinho

Approvada e indulgenciada
pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. ANTONIO
Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300
Em carneira com folhas-douradas	500
Em chagrin-douradas	15000

Todos os pedidos aacompanha-
dos da sua respectiva importan-
cia devem ser dirigidos ao editor
José Fructuoso da Fonseca—Rua
da Picaria, 24—Porto.

A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS
ou

Deveres da Mãe Christã

PARA COM SEUS FILHOS

Vertido da 4.^a edição franceza

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholi-
cos. Preço 600 reis.

Meditações

para o mez de Maio

Pelo Padre Affonso Muzzarelli da Companhia
de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com
a Santissima Virgem para todos os dias, e to-
cantes exemplos extrahidos das obras de Santo
Affonso Maria de Ligorio e de outros bons au-
ctores. Com approvação do Em.^{mo} Sr. Car-
deal Bispo do Porto—1 vol., 100 reis. enca-
dernaado 160

FLORES A S. JOSÉ

Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno
com exemplos apropriados, colloquios, etc.

Extrahidas das Sagradas Escripuras, Santos Padres, doutores da Igreja
e outros eminentes auctores

R COORDENADAS POR

A. L. F.

Obra approvada e indulgenciada

Preço - encadernado . . . 200 reis

**A Santa Montanha de La Sa-
lette**—Por A. J. Almeida Garret—Approva-
do pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—
1 vol., broch. 400

A Questão dos Jesuitas—Por J.
F. da Silva Esteves—1 vol., broch. 600

Uma Visita a Lourdes—Peol Ex.^{mo}
Sr. Conde de Samodães—1 vol., broch. 200

Catecismo para uso do povo contra
o protestantismo, composto pelo Cardeal Cues-
ta, Arcebispo de S. Thiago—Approvado pelo
Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

A Mulher—Apontamentos para um li-
vro, por A. Severo Catalino, traduzido pelo
Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães—1 vol., bro-
ch. 400

Resumo da Doutrina Christã
—Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do
Porto—Cada cento, 15000 reis—Um exem-
plar. 20

**Ladainhas ao Sagrado Cora-
ção de Jesus**—Approvadas para toda a
Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por
decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de
1899. 10

**Forma de se ganhar com especialidade
a Indulgencia da Porciuncula**—1 folheto. 50

Preces que por ordem de Sua Santida-
de de Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos,
depois das missas rezadas em todas as egrejas
do orbe catholico—Tradução approvada pelo
Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portuguez,
10 reis—Em latim e portuguez 50

**Vida Popular de S. João de
Deus**—Fundador da Ordem que usa o seu
nome e padroeiro de todos os hospitaes do
mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria
Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão
do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diver-
sas approvações—1 vol., broch. 600

Oração para se offerecer a Sagrada
Communhão—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo}
Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular.
. 10

Relação Geral das freguezias da dio-
cese do Porto. 1 vol., broch. 300

Sorrisos d'um velho—A verdade
a rir—O erro chorando.—Com approvação do
Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo
Ex.^{mo} Sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol.,
Broch. 400

**Vida Popular de S. Vicente
de Paulo**, pelo Padre Berbigner, conego
honorario de Bordeus e Arcypriste do Ligor-
no—traduzida do francez, por M. Fonseca—
Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo
do Porto—1 vol., broch. 400

A Confissão Sacramental—Pelo
Ex.^{mo} Sr. Padre Manuel Marinho—Com apro-
vação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—1
vol., broch. 250

**O Apostolado da imprensa—
O Apostolado da educação—O
Apostolado do clero**—Conferencias
religiosas que nos domingos da quaresma de
de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral
do Porto, Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues
Vianna—3 vol., broch. 750

**Os Milagres de Lourdes e o se-
culo XIX**—Considerações sobre os mila-
gres e replicas aos «espiritos fortes» que os
põem em duvida pelo padre J. J. G. 100

Bento José Labre—Tributo de res-
peito no seu primeiro centenario, por Francis-
co d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de
Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Sr.
Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

Tudo por Jesus ou caminhos faceis
do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico
William Faber, Superior do Oratorio de S.
Philippe de Nery, de Londres, Doutor em
Theologia—Obra tradusida do inglez para o
francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua
para o portuguez por F. Preto Pacheco—1 vol.,
broch., 600—enc. 800

Jesus Vivo no Padre—considera-
ções sobre a excellencia e santidade do sacer-
docio, pelo Rev. Padre Milett, da Companhia
de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza, pelo
Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approva-
ção e recommendação dos Prelados portuguez-
es—Um grosso vol., broch., 700 enc. 900

O mez dos Finados—Meditações
para todos os dias do mez de Novembro—Com
approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do
Porto—1 vol., broch. 300—enc. 400

Oração Funebre, do Exc.^{mo} e Rev.^{mo}
Sr. Dr. João Rebello Cardoso de Menezes,
Arcebispo titular de Larissa, Coadjuutor e
futuro successor de Laneço, recitada nas so-
lemnes exequias celebradas na igreja do Semi-
nario conciliar de Braga no dia 10 de julho de
1890—Preço. 250

Defesa da Crença Catholica—
(refutação das «Lendas Christãs» pelo sr.
Theophilo Braga) por João Manuel de
Abreu. 50

**Jesuitas e mais alguma coi-
sa**—Estudo pittoresco da Companhia dentro
e fóra da grainha, escripto nas horas do bom
humor, pelo seu autor Antonio João Rodrigues
da Silva Gandra, Doutor e ex-lente de philoso-
phia, etc., etc., (2.^a edição)—1 vol., Bro-
ch. 200